



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Coordenação de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso

Angústia e Corporeidade: O Sentido da Existência sob a Ótica da
Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty

Jorge Marcelo Teixeira Protásio¹
Katya Alexandrina Matos Barreto Motta²

Goiânia, junho de 2026

¹ Jorge Marcelo Teixeira Protásio. Graduando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

² Katya Alexandrina Matos B. Motta. Psicóloga. Pós-doutora. Doutora em Ciências da Saúde.

Resumo

Este artigo aborda a angústia sob a perspectiva da *Fenomenologia da Percepção*, de Maurice Merleau-Ponty, propondo-a como uma abertura existencial de sentido manifestada na corporeidade. O objetivo geral consiste em apresentar como o conceito de corpo-sujeito fundamenta a experiência da angústia, superando visões biomédicas reducionistas. Metodologicamente, realizou-se uma revisão narrativa de literatura, de natureza qualitativa e interpretativa, abrangendo produções científicas entre 2005 e 2025. Os resultados demonstram que a angústia, compreendida como um “nó de significações vivas”, não é uma condição abstrata, mas uma manifestação no corpo que impacta o esquema e a imagem corporal do indivíduo. O estudo recorre também a alegorias literárias de *A metamorfose*, de Franz Kafka, e à expressividade artística, como investigada por Merleau-Ponty, para evidenciar que o sentido habita o gesto antes da reflexão intelectual. Conclui-se que a clínica fenomenológico-existencial deve atuar no resgate da experiência encarnada, transformando o sofrimento inicialmente paralisante em uma abertura mobilizadora para o poder-ser e a responsabilidade existencial. Por meio do reconhecimento do corpo como veículo inalienável do ser-no-mundo, o corpo-sujeito reassume o protagonismo de sua jornada frente à liberdade em sua existência.

Palavras-chave: Angústia; Corporeidade; Merleau-Ponty; Fenomenologia; Clínica Existencial.

Abstract:

This article addresses anguish from the perspective of Maurice Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception*, proposing it as an existential opening of meaning manifested in corporeality. The general objective is to present how the concept of the body-subject grounds the experience of anguish, surpassing reductionist biomedical views. Methodologically, a qualitative and interpretative narrative literature review was conducted, covering scientific productions between 2005 and 2025. Results demonstrate that anguish, understood as a “knot of living meanings,” is not an abstract condition but a manifestation in the body that impacts the individual's body schema and body image. The study also draws on literary allegories from Franz Kafka's *The metamorphosis* and artistic expressiveness, as investigated by Merleau-Ponty, to evidence that meaning inhabits the gesture prior to intellectual reflection. It is concluded that phenomenological-existential clinical practice must work towards reclaiming embodied experience, transforming initially paralyzing suffering into a mobilizing opening for the power-to-be and existential responsibility. Through the recognition of the body as an inalienable vehicle of being-in-the-world, the body-subject reclaims the protagonism of their journey towards freedom in their existence.

Keywords: Anguish; Corporeality; Merleau-Ponty; Phenomenology; Existential Clinic.

Introdução

A “angústia” é definida como um “sentimento que se liga a uma sensação de opressão ou de desespero; tormento, tortura”, ou ainda “sensação de apreensão ou inquietação em relação a algo ou alguém; situação de aflição” (Michaelis, s.d.). A angústia se manifesta como ponte para outros fenômenos da experiência, não cabendo, portanto, uma compreensão diagnóstica e restritiva. A partir da aceitação dessa complexidade, demonstra-se o potencial do termo para descrever a amplitude do sofrimento humano.

A experiência humana da apreensão por sua condição de ser-lançado-ao-mundo é ancestral, nos remete a impotência diante do tempo, em busca de uma vida sem carências, sem medos, que não permite certezas. A vida se torna um mergulho no escuro, marcada pela intranquilidade do porvir (Souza, 2007).

Por séculos, nas sociedades de forte influência religiosa, a incerteza da existência e a angústia foram frequentemente interpretadas sob uma ótica teológica e moral. O sofrimento da alma era lido sob a ótica da teologia do medo, na qual a apreensão era associada ao conflito entre salvação e perdição, e o fim não se referia apenas à morte biológica, mas ao fim escatológico e à consequente condenação eterna (Saraiva & Carmo, 2017). Essa visão entendia as inquietações humanas como consequência da incapacidade do homem de escolher corretamente o bem em sua condição de ser-lançado-ao-mundo, vendo a felicidade e a verdadeira liberdade apenas como possíveis na eternidade e na união com o divino (Souza, 2007).

Com o desenvolvimento do campo científico, a discussão sobre o mal-estar deslocou-se do domínio teológico para a estrutura interna do indivíduo. Para Sigmund Freud com a introdução do termo alemão *angst*, que se refere à angústia, cujo vocábulo remete a sensações físicas intensas de opressão, aflição e tormento (Vieira & Lotufo Neto, 2023). No entanto, para além da visão psicanalítica, o advento da modernidade trouxe também pensadores como Soren

Kierkegaard e Martin Heidegger, que entendem a angústia como disposição afetiva essencial da existência (Oliveira *et al.*, 2021). Na perspectiva de Kierkegaard, conforme sustenta Silva (2025), a angústia é definida pelo “nada” expressando a condição de indeterminação originária que, segundo Dantas *et al.* (2009), constitui a disposição afetiva fundamental do ser-no-mundo.

A partir disto, Santos (2020) apresenta a angústia como o afeto que suspende a familiaridade do cotidiano e liberta o ser-aí da inautenticidade, do impessoal, ou seja, isola o ser-aí das distrações do mundo cotidiano. Por meio desse isolamento, a angústia constitui uma “abertura privilegiada”, pois permite ao retirar o sujeito do anonimato o desvelamento do si-mesmo, ou seja, de seu modo de existir, autêntico ou inautêntico.

Essa abertura forçada pela angústia remete o aí do ser-aí para seu poder-ser mais próprio, que Heidegger identifica como o ser-para-a-morte – a possibilidade imprescindível e insuperável da existência (Santos, 2020). Para Oliveira *et al.* (2021), a partir da angústia o sujeito é forçado a tomar consciência de si e a assumir individualmente a responsabilidade por sua existência autêntica. A angústia, portanto, é o fenômeno que singulariza, revelando o que lhe é próprio ou impróprio como possibilidades de seu ser (Santos, 2020).

Teixeira (2015) complementa o debate a partir dos pressupostos sartreanos ao revelar que, do ser-em-si (objeto) na angústia, surge a possibilidade do ser-para-si (consciência) pela interposição do nada na relação homem-mundo. É a angústia que revela o desamparo do homem no mundo, a experiência que acompanha o indivíduo diante do nada da indeterminação humana. Ou seja, pela inexistência de algo que o determine, o homem é lançado de modo radical à responsabilidade de escolher. Em consonância, Silva (2025) defende que a angústia se revela o “poder-ser”, atuando como um motor que inquietaria o indivíduo e o mobilizaria para a necessidade de autodeterminar-se diante das possibilidades da existência.

Essa necessidade de autodeterminação existencial, impulsionada pela angústia, conforme apresentada por Silva (2025), exige do sujeito uma força de ânimo e paciência para

sustentar sua caminhada em direção à liberdade e ao “poder-ser”. No entanto, esse movimento de apropriação de si encontra barreiras no paradigma biomédico contemporâneo que, conforme discutem Santos et al. (2018), tende a reduzir a corporeidade a metáforas de uma máquina ou de um motor. Sob essa ótica, a medicina exerce uma influência determinante na interpretação de doenças e tratamentos, definindo a “cura” como o conserto de partes disfuncionais do organismo. Como consequência, o sofrimento humano, frequentemente tratado como uma falha interna isolada, acaba sendo medicalizado e distanciado de seu contexto sociocultural (Santos *et al.*, 2018).

No mesmo sentido, Dantas *et al.* (2009) veem o modo de vida das sociedades atuais, denominado por Heidegger como “era da técnica”, restringindo a experiência de sentido por meio da mensuração e controle, de diversas formas impedindo o encontro do sujeito com sua verdade autêntica. Nesse contexto, a angústia é vista e tratada como desordem neuroquímica ou particular, comumente contornada por algum tratamento farmacológico ou psicológico. Em oposição, Dantas *et al.* (2009) advogam, por fim, que não há como se libertar da angústia através da busca incessante por ocupações, atividades ou da medicalização que anestesie o sofrimento, como forma de fuga de si mesmo, pois não há como refutar a verdade para a qual a angústia aponta: a condição de desabrigo da existência.

Para Lima (2020) a manifestação corporal da angústia não deve ser reduzida a uma condição físico-química a ser extinta, mas sim compreendida como um “grito do corpo” para que o indivíduo perceba seu “modo de existir”, que comunica uma “crise de sentido” na existência. Lima (2020) destaca a angústia como um fator inicialmente paralisante, tipicamente tomada como depressão e ansiedade, e, em seguida, como um agente mobilizador. Reforça, portanto, a necessidade do acolhimento em um espaço seguro, onde o terapeuta sustenta o desconforto e a indeterminação, legitimando o sofrimento do paciente como condição essencial

da vida. Sem esse acolhimento, corre-se o risco de o paciente cair na impropriação e no adoecimento.

Nesse sentido, Santos *et al.* (2018) argumentam que combater a manifestação dos fenômenos em detrimento de sua compreensão, por meio da medicalização da existência, é ignorar o “caráter fenomenal do corpo como expressão”. Ou seja, embora a medicalização possa ser necessária, não se deve silenciar o fenômeno em vez de escutá-lo.

Na perspectiva defendida por Gonçalves *et al.* (2008) a fenomenologia realiza uma contribuição metodológica robusta para a psicologia, fundamentando-se no princípio do “retorno às coisas mesmas”, que orienta a investigação para a experiência vivida do sujeito. Dessa forma, o método requer, portanto, a análise mediante suspensão de teorias prévias, para acessar o fenômeno tal como ele se revela na consciência do sujeito, em outras palavras, como pode se desvelar pelo modo como ele o compreende e descreve.

Gonçalves *et al.* (2008), lembrando Husserl, sustentam que a fenomenologia se constitui como uma ciência de rigor, mas não exata, que prioriza a descrição fiel dos fenômenos em detrimento da explicação causal. Para os autores, esse rigor metodológico alternativo é efetivo para superar o reducionismo do pensamento positivista, que tende a nivelar os fatos psíquicos a acontecimentos naturais mensuráveis, negligenciando a vivência como acontece para cada pessoa. Desta forma, a fenomenologia é apresentada como uma fundamentação metodológica que visa superar e ampliar a compreensão do fenômeno.

Deste modo pode-se compreender que a clínica feno-existencial redefine o conceito de cura: não se trata da supressão do que tratamos como angústia ou do silenciamento do mal-estar, mas do atravessamento do sofrimento por meio de sua escuta. Como resgatado em Heidegger, a vida jamais será plena, pois não se define pela ausência de inquietude, mas pela capacidade de assumir a responsabilidade e a liberdade que a angústia revela, o poder-ser.

O compromisso ético do psicólogo está, portanto, em transformar a busca pela solução técnica do indivíduo em coragem de habitar o sofrimento com sentido.

Em síntese, a clínica feno-existencial redefine o conceito de cura: não se trata da supressão do que tratamos como angústia ou do silenciamento do mal-estar, mas do atravessamento do sofrimento por meio de sua escuta. Conforme sustentam Dantas et al. (2009), o sentido da existência não se define pela busca de uma tranquilidade assegurada por soluções ou explicações causais, mas pela capacidade de habitar e apropriar-se da angústia. É esse fenômeno que, ao romper com a cotidianidade e o modo impessoal de ser, desvela ao sujeito o seu poder-ser mais próprio, convocando-o a assumir a liberdade e a responsabilidade inerentes à sua condição essencial de desabrigo. O compromisso ético do psicólogo está, portanto, em transformar a busca pela solução técnica do indivíduo em coragem de habitar o sofrimento com sentido.

Pelo que foi trazido até aqui, a relevância deste estudo fundamenta-se no rigor da postura fenomenológica para descrever a experiência do sujeito em face da angústia. Desta forma, este trabalho oferece uma base sólida para a psicologia clínica, ao permitir compreender a angústia humana como uma “crise de sentido” que se manifesta na conduta corporal, distinguindo-se, portanto, de explicações reducionistas.

Dada a relevância dessa temática, este estudo tem como objetivo geral realizar uma revisão narrativa que apresente as contribuições da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty para a compreensão da angústia enquanto fenômeno da corporeidade, investigando como a estrutura do corpo-sujeito fundamenta esse sofrimento como uma abertura de sentido na existência.

Para tanto, discorreu-se inicialmente sobre a trajetória do conceito de angústia sob perspectivas existenciais, fundamentando-a como uma abertura privilegiada para o sentido. Desse modo, estabelece-se como objetivo específico: examinar como os pressupostos da

fenomenologia de Merleau-Ponty acerca da percepção e do corpo-sujeito permitem descrever a angústia enquanto uma abertura de possibilidades vivida na corporeidade, visando o resgate do sujeito encarnado e do seu poder-ser.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, que segundo Botelho *et al.* (2011) consiste em uma síntese de natureza qualitativa e caráter interpretativo, visando à aquisição e atualização do conhecimento. Segundo esclarece e complementa Rother (2007), os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto sob determinado ponto de vista teórico ou conceitual. Diferentemente das revisões sistemáticas, a modalidade narrativa não emprega critérios metódicos e claramente definidos e não abrange a totalidade da produção sobre o assunto sendo, contudo, adequada para fundamentar teoricamente um tema sem exigir um ordenamento rígido do material de referência (USP, 2022, como citado em Finelli *et al.*, 2022).

A escolha por este método se justifica pela maior liberdade na seleção das fontes e na apreciação crítica do autor, permitindo que a subjetividade do pesquisador colabore na construção de sínteses teóricas e na contextualização do problema investigado (Rother, 2007).

Nesse sentido, o processo de construção desta revisão seguiu quatro etapas fundamentais: identificação do tema e busca bibliográfica; estabelecimento de critérios de seleção; leitura e categorização do material; e análise interpretativa dos dados.

Para a localização das obras como estratégia de busca utilizou-se combinações booleanas de palavras-chave, como: angústia, existencial, corpo vivido, percepção, fenomenologia, Kierkegaard, Heidegger, Merleau-Ponty.

A partir disto, como critério de inclusão, a coleta do material bibliográfico foi realizada de forma não sistemática englobando fontes com publicação no período de 2005 a 2025, à exceção pela inclusão da obra clássica de base deste estudo, o livro *Fenomenologia da percepção* de Maurice Merleau-Ponty.

A partir do Google Acadêmico foram consultadas bases de dados científicas como SciELO, PePSIC, Researchgate, artigos científicos que passaram por revisão de pares, dissertações retiradas de repositórios acadêmicos que passaram pelo comitê de ética. Desta forma, os artigos científicos selecionados focam na fenomenologia, na percepção fenomenológica, na angústia, sob enfoque existencial, na corporeidade e na crítica ao modelo biomédico, enquanto forma de supressão da escuta e acolhimento.

Foram excluídos estudos que tratavam a angústia exclusivamente sob o viés da psicopatologia médica ou da medicalização farmacológica, por fugirem ao escopo existencial deste Trabalho de Conclusão de Curso, dissertações, teses e trabalhos sem revisão de pares e sem passar pelo comitê de ética, foram excluídos ainda artigos elaborados fora da área da psicologia ou filosofia existencial.

Após a seleção inicial, as fontes bibliográficas foram lidas na íntegra para a identificação de temas recorrentes, complementares e limitações teóricas, servindo como base para novas pesquisas. O material obtido foi organizado em categorias como: fenomenologia-existencial, percepção e corpo vivido e a experiência da angústia sob enfoque existencial, que permitiram, uma síntese e conexão lógica entre os fundamentos teóricos e a prática clínica fenomenológica. A análise dos textos com vistas a construção deste trabalho não se limitou à sumarização dos mesmos, mas buscou uma reflexão crítica capaz de fundamentar a angústia como uma abertura de sentido existencial.

Por fim, o processo de seleção seguiu quatro etapas sequenciais: identificação dos registros nas bases consultadas; remoção de duplicatas; triagem por título e resumo; e leitura integral para avaliação de elegibilidade. Os estudos incluídos foram analisados qualitativamente, tendo-se priorizado aquelas produções que contribuíssem para a compreensão dos conceitos centrais do trabalho, quais sejam: percepção, corpo vivido,

esquema corporal, intencionalidade e tonalidade afetiva da angústia. Ao final do processo, 17 referências foram selecionadas para compor o corpus analítico do presente artigo.

Resultados

A fenomenologia de Merleau-Ponty busca o “retorno aos fenômenos”, como aponta Ortega (2025), articulando nossa realidade experiencial em sua forma mais pura, servindo como uma alternativa metodológica para compreender a essência da realidade, evitando assim que fique alheia de seu significado mais próprio.

Nesse contexto, tal movimento metodológico é caracterizado por Ortega (2025) como um “movimento de ressurgência do horizonte irrefletido da vida”, ou seja, um abrir os olhos à experiência primária do mundo. Conforme Merleau-Ponty (1945/1999), este processo exige o reconhecimento do mundo como uma “presença inalienável” que precede a reflexão. Compreender a percepção como essa camada originária permite que a angústia seja ressignificada na clínica: ela deixa de ser transtorno mental para tornar-se um nó de significações vivas que atravessa a conduta corporal do sujeito.

Ponty (1945/1999) descreve a percepção como uma comunicação ou comunhão entre o nosso corpo e o mundo, realizada pelo observador como expressão de uma intenção ou manifestação de nossas capacidades perceptivas, resultando em uma conjunção do nosso ser corpóreo com o meio ao redor. Em consonância com essa visão, Nóbrega (2008) reforça que essa comunhão não é passiva, mas uma atitude corpórea. Isso significa que o sentido não é algo que recebemos do mundo, mas uma expressão criadora que nasce do nosso modo de habitar a realidade. Ortega (2025) reforça e conclui que o retorno aos fenômenos ocorre ao restaurar essa camada primária de sentido da existência, chamada percepção, demonstrando que o contato com o mundo ocorre por meio de uma consciência encarnada, ou seja, vivida no corpo, que não apenas pensa o mundo, mas o habita corporalmente. Nesse ponto, torna-se necessário

avancar da concepção ampla de percepção para a experiência perceptiva concreta, destacando o modo ativo como o corpo-sujeito se engaja com a realidade.

A transição da percepção como conceito geral para a experiência perceptiva exige compreender que o ato de perceber não é um mero registro passivo, mas um modo de atuação ativa do corpo-sujeito no contato com a realidade. Ortega (2025) esclarece que o retorno aos fenômenos foca na “experiência perceptiva como ela é vivida”, promovendo uma “recondução à relação da experiência perceptiva, encarnada e corporificada”, transformando o contato abstrato em uma presença corporal concreta.

Desta forma, é possível entender o sentimento existencial da angústia não só como algo da mente, mas como uma limitação ou mudança na forma como a pessoa vive e sente o próprio corpo. Para explicar essa relação indissociável entre corpo e mundo, Merleau-Ponty defende que o corpo, não apenas a consciência, torna-se o atributo da intencionalidade: é aquilo que nos permite conhecer, sentir e dar sentido a nosso cenário existencial antes mesmo de qualquer juízo (Merleau-Ponty, 1999). A partir desse horizonte metodológico, torna-se necessário compreender o campo fenomenal.

O campo fenomenal ou intencional, como apresenta Ortega (2025), é o que não pode ser percebido pois é o mundo tal como ele surge diretamente à percepção, incluindo está última. Merleau-Ponty (1945/1999) esclarece que seria o equivalente a como se ele mesmo visse outra paisagem em que estivesse ali, vista de fora e, assim, sucessivamente. O campo fenomenal não é uma soma de objetos isolados, mas um horizonte de significação organizado holisticamente em uma relação de figura-fundo como compreendido na psicologia da Gestalt (Ortega, 2025). É nesse horizonte fenomenal que se inscreve a percepção, entendida como a forma mais imediata de contato entre corpo e mundo.

Definido o contato (percepção), agora cabe descrever “quem” percebe, assim Ortega (2025) aponta para o corpo vivido (corpo próprio). Desconstrói-se a ideia de corpo-objeto para

apresentá-lo como um “nó de significações vivas”, pois o corpo não é simplesmente um conjunto de partes e sentidos unidos, mas envolvidos uns nos outros, formando uma estrutura relacional, ligados ao todo da existência.

Em consonância, Jesus (2024) esclarece que a intencionalidade fenomenológica merleau-pontyana estabelece o corpo vivido “*corps vécu*” como o fundamento natural da experiência, superando dualidades entre consciência e corpo, ou variantes como sujeito/objeto, consciência/mundo, corpo/espírito. Por sua vez, Ortega (2025) sublinha que este corpo-sujeito opera como base de todo sentido e constituinte da experiência. Em linha com esta visão, Jesus (2024) conclui que a consciência do mundo é indissociável da consciência corporal, sendo construídas em um emaranhado de relações que os sentidos dirigem ao mundo a partir do modo como é percebido.

Assim, a percepção se desdobra em um corpo vivido como ser-para-o-mundo, que experimenta coisas significativas, portanto, sem uma separação ontológica entre o eu experiencial e o corpo como alguém o vive. O sujeito, de tal modo, não é uma consciência abstrata que reside em um homem interior, mas uma integralidade que se realiza encarnada na existência do indivíduo (Ortega, 2025). No mesmo sentido reforça Nóbrega (2008) ao defender que a unidade da experiência não é produzida por um sujeito intelectual, mas pelo próprio corpo. Isso, portanto, reafirma que não existe um “eu” abstrato separado do corpo, o corpo é ser-para-o-mundo, ou seja, está sempre voltado para viver e dar sentido às coisas.

Por fim, Santos *et al.* (2018) ressaltam que, enquanto sujeito de expressão, o corpo vivido não pode ser reduzido a meras causalidades físico-químicas utilizadas para explicar um fenômeno, sob pena de se desconsiderar o “corpo perceptivo como sujeito”. Ao contrário, o corpo sujeito deve ser percebido e ouvido, pois manifesta fenômenos dotados de sentido e, portanto, capaz de expressar nossa existência.

Para que a existência opere no mundo, a estrutura corporal integra o esquema corporal e a imagem corporal. Enquanto o primeiro atua como um sistema pré-consciente de movimentos que nos permite navegar no espaço de forma implícita, operando como uma “praktognosia” (conhecimento prático) original, a imagem corporal adiciona dimensões representativas, afetivas e sociais que permitem ao sujeito situar-se emocionalmente no meio. Essa dinâmica atinge sua plenitude no hábito motor, que Merleau-Ponty (1999) descreve como o “conhecimento nas mãos”. O hábito não é uma repetição mecânica de estímulos, mas o remanejamento do esquema corporal que entrega ao corpo a capacidade de responder com soluções criativas a situações inéditas. Conforme reforça Nóbrega (2008), os gestos não são reações automáticas, mas formas de “habitar” as coisas com todo o ser, revelando uma racionalidade que emerge diretamente dos sentidos e da motricidade.

Reforçando essa ideia, Peixoto (2012) cita Ponty ao comparar o corpo próprio a uma obra de arte: assim como em uma pintura o sentido não está na soma das cores, mas se comunica na percepção da obra real, assim o corpo é uma fonte originária de sentidos que se revela através de gestos expressivos “um visível que se vê, um tocado que se toca, um sentido que se sente”. Essa metáfora é explorada por Nóbrega (2008) ao afirmar que os sentidos não copiam o mundo de fora, mas o refletem através do corpo, criando novos significados. A experiência estética, como na pintura, evidencia que os sentidos não fazem um “decalque” do exterior, mas são uma reflexão do corpo (Nóbrega, 2008).

Tudo o que foi até aqui trazido procurou mostrar que a compreensão da fenomenologia da percepção revela que o corpo próprio não é um objeto passivo, mas o próprio veículo da existência. Essa racionalidade que emerge diretamente dos sentidos encontra sua expressão máxima na atividade artística. Vale para este fim trazer, conforme destacou Nóbrega (2008), as investigações de Merleau-Ponty sobre as obras de Cézanne e Matisse demonstram que a criação artística não advém de um “olhar da mente” ou de uma escolha puramente intelectual,

mas de uma atitude corpórea em que o gesto resolve problemas que a inteligência sequer formulou.

O pintor Paul Cézanne, por exemplo, pintou vários quadros sobre o mesmo motivo, sempre diferentes um do outro porque queria expressar o que percebia em cada momento. Ponty afirma que Cézanne queria pintar a “matéria em vias de se formar”, o que evidencia, conforme reforça Nóbrega (2008), que os sentidos não fazem um decalque do mundo, mas realizam uma expressão criadora a cada vez que se pode observar a cor, os contornos, as proporções e distorções da forma.

Da mesma forma, Nóbrega (2008) ilustra o trabalho do pintor francês Henri Matisse como uma “reflexão corporal”, na qual o movimento do artista na tela é uma resposta espontânea, manifestada no campo da experiência do sensível e não do reflexivo quando analisado em câmera lenta por Merleau-Ponty (Nóbrega, 2008):

“Esse mesmo pincel que, visto a olho nu, saltava de um ato para outro, podia-se vê-lo meditar, num tempo dilatado e solene, [...] tentar dez movimentos possíveis, dançar diante da tela, roçá-la várias vezes, e por fim abater-se como um raio sobre o único traçado necessário [...]. Não considerou, com o olhar da mente, todos os gestos possíveis, e não precisou eliminá-los todos, exceto um. É a câmera lenta que enumera os possíveis [...]. Tudo se passou no mundo humano da percepção e do gesto. (p. 46)”

A análise dos gestos de Cézanne e Matisse revela que a verdade da percepção reside no acasalamento entre o corpo e o mundo, como sustentado por Merleau-Ponty (1945/1999), onde a consciência não analisa a realidade de fora, mas participa ativamente da criação de sentido através do movimento. Assim, o exemplo artístico torna-se a evidência empírica de que o esquema corporal e o hábito operam como uma inteligência que age calada, transformando o sensível em expressão viva.

Desta forma, afirmar que o corpo é a sede da expressão vivida significa reconhecer que o sentido habita esse ser-no-mundo – algo que a arte de Cézanne e Matisse exemplifica tão evidentemente. Ao revelar o valor da experiência perceptiva, a fenomenologia de Merleau-Ponty não apenas descreve o ser-no-mundo, mas também oferece recursos essenciais para compreender a subjetividade encarnada da existência humana.

Nessa perspectiva, a compreensão da corporeidade desperta o interesse clínico: a angústia deixa de ser um fenômeno abstrato para se tornar uma crise de sentido vivida. Jesus (2024) utiliza a metamorfose do protagonista, na obra de Kafka, como uma alegoria para refletir sobre a crise da subjetividade em face da angústia, possibilitando sua análise sob a ótica da fenomenologia da percepção. A obra original narra a angústia vivida pelo personagem principal ao passar pela transformação de seu corpo em um inseto e o impacto disso em sua vida nas relações com a família e o trabalho, repercutindo na perda dos vínculos afetivos, de sua humanidade e de sua liberdade. Jesus (2024) esclarece que essa metamorfose configura uma “ruptura biográfica”, na qual o cotidiano e os aprendizados prévios do sujeito perdem sua funcionalidade diante da nova condição física. Essa crise de subjetividade é agravada pela manutenção das emoções e memórias humanas em um corpo privado de comunicação inteligível, gerando um exílio interior e a angústia do descompasso entre o passado e a impossibilidade de imaginar um futuro (Jesus, 2024). Ao subjetivar o isolamento e a repulsa familiar, o personagem vivencia um desaparecimento progressivo de si, onde a angústia deixa de ser um sentimento para se tornar a própria realidade da desumanização e da perda de identidade diante de uma corporeidade limitada e adoecida (Jesus, 2024).

Sob a ótica da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, essa análise demonstra que a angústia, que já oprimia o personagem, se torna concreta e inevitável com a alteração física. Isso ocorre porque o corpo como veículo do ser-no-mundo é o sistema que organiza o espaço; assim, a transformação física impacta o esquema corporal e a noção de espacialidade,

rompendo com o movimento dialético de percepção do mundo (Jesus, 2024), revelando o caráter corpóreo da angústia. Esse entendimento é reforçado no dizer de Silva (2025) que a angústia é uma tonalidade afetiva, portanto, não se reduz a um conceito, pois é constitutiva e constituinte do ser, colocando-o na condição do que se é ou do que se pode ou deve vir-a-ser.

Como reforça Vieira (2021), a angústia não deve ser vista apenas como um peso, mas como a “vertigem da liberdade” que suspende a familiaridade do cotidiano para revelar o poder-ser mais próprio do indivíduo. Sob o olhar de Merleau-Ponty (1999), essa abertura ocorre no corpo vivido, que, ao operar o esquema corporal de maneira pré-consciente, permite ao sujeito navegar no mundo sem a necessidade de julgamentos reflexivos constantes.

Silva (2025), por fim, acrescenta um aspecto em sua análise e estabelece uma articulação relevante de proximidade entre as tonalidades afetivas da angústia e da paciência. Para Silva (2025) a paciência surge como uma complementaridade originária da angústia existencial, que só pode ser padecida corretamente – isto é, sem decair nos fenômenos da não-liberdade ou na perda da liberdade – por meio da paciência. Essa força de ânimo (paciência) é o elemento fundamental que permite ao indivíduo conservar a possibilidade da liberdade (a angústia), evitando sua negação e mantendo-se no processo de tornar-se si-mesmo (Silva, 2025).

Em suma, a compreensão da estrutura corporal – integrada pelo esquema e pela imagem corporal – revela que a angústia não é um evento isolado da mente, mas uma manifestação da totalidade do ser-no-mundo. Conforme apontado por Vieira (2021), o angustiar-se corretamente é o que permite ao homem não se perder na inautenticidade do impessoal. Portanto, ao reconhecer o corpo como a sede dessa expressão vivida, a clínica fenomenológica-existencial assume o compromisso de transformar o sofrimento paralisante em uma abertura mobilizadora, na qual o sujeito, enfim, assume a responsabilidade por sua existência diante do nada da possibilidade.

Discussão

Ao confrontar o percurso histórico e as definições de angústia apresentadas na introdução com os resultados fundamentados na fenomenologia de Merleau-Ponty, depreende-se que a angústia se constitui como uma abertura existencial para o sentido. Diferentemente de abordagens que buscam causas de natureza orgânica, a perspectiva fenomenológica defende a necessidade de não patologizar e focar na compreensão da experiência do vivido. Sob esse olhar, a angústia deixa de ser uma falha a ser corrigida para ser acolhida como um “grito do corpo” que revela uma crise de sentido na existência.

Neste estudo, o conceito de percepção é o elemento que orienta a possibilidade de reorganização do sujeito. Para Merleau-Ponty, como esclarece Ortega (2025), a percepção não é um registro passivo de estímulos, mas a camada originária de contato direto com o mundo, uma comunicação ativa e pré-reflexiva entre o corpo e o ambiente. A angústia, como estado emocional, oportuniza uma experiência que afeta, limita ou mesmo impede temporariamente a possibilidade de reorganização do ser-no-mundo, rompendo os padrões cristalizados do cotidiano e obrigando o sujeito a ressignificar sua existência diante do “nada” da indeterminação humana.

Essa vivência é essencialmente carnal, centrada no conceito de corpo vivido, que representa a experiência do sujeito como uma totalidade indissociável. Um exemplo paradigmático dessa relação é explorado por Jesus (2024) através da obra de Kafka, na qual a metamorfose do protagonista em um inseto serve como símbolo para a crise da subjetividade. Nessa análise, demonstra-se que a angústia existencial se torna concreta e inevitável por meio da alteração física, que gera uma “crise espacial” ao impactar o esquema corporal e a noção de espacialidade do sujeito. Assim, o estranhamento de si e a perda da familiaridade com o mundo revelam o caráter intrinsecamente corpóreo da angústia.

Enquanto o esquema corporal organiza a nossa espacialidade de forma pré-consciente, a imagem corporal atua como uma construção simbólica, integrando dimensões afetivas,

emocionais e representativas que moldam a forma como visamos o mundo e a nós mesmos. Na angústia, essa imagem corporal e a relação com o mundo sofrem rupturas que nos convoca à responsabilidade de nossas escolhas. Os resultados, portanto, mostram que o corpo é o meio de acesso ao mundo, e não apenas um objeto contido nele. Conforme pontua Jesus (2024), a experiência perceptiva é a base na construção da consciência e da subjetividade, funcionando como o fundamento natural de nossa existência. Como resgatado por Nóbrega (2008), Merleau-Ponty através da análise das obras de arte, demonstra que onde o gesto precede a reflexão intelectual, o corpo possui uma racionalidade própria – um saber nas mãos (Ponty, 1945/1999) – capaz de responder criativamente à experiência.

Conclui-se que ao reconhecer o corpo como âmbito da expressão vivida e sujeito da percepção, a clínica feno-existencial se orienta por não silenciar o sintoma, mas promover o atravessamento do sofrimento por meio da escuta. Esse processo possibilita o contato com uma angústia inicialmente paralisante, promovendo uma busca por sentido e autodeterminação no mundo. Ao converter essa paralisia em abertura mobilizadora para o 'poder-ser', o processo clínico permite que o sujeito, enfim, assuma a responsabilidade por sua existência, ajudando-o a habitar seu sofrimento com sentido.

Considerações Finais

Este artigo de TCC mostra que a Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty oferece um referencial seguro para a compreensão da angústia, posicionando-a como uma manifestação da totalidade do ser-no-mundo. Ao longo da pesquisa, foi evidenciado que o entendimento desse fenômeno não reside em explicações isoladas, mas no reconhecimento do corpo vivido como um nó de significações vivas, que atua como o veículo da existência e da entrega de sentido.

Embora o presente estudo tenha cumprido seu propósito de fundamentar a aplicabilidade do pensamento merleau-pontyano a esse tema, identifica-se a possibilidade de

aprofundamento com investigações futuras. Nesse sentido, destaca-se a relevância de aprofundar o olhar sobre a dimensão da intercorporeidade no encontro clínico – especificamente sobre como a percepção mútua entre terapeuta e cliente colabora no processo psicoterapêutico. Tal elemento possibilita ampliar o cuidado e a compreensão da subjetividade em sua condição relacional.

Referências

- Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. de A., & Macedo, M. (2011). O Método da Revisão Integrativa nos Estudos Organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121–136.
<https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>
- Dantas, J. B., Sá, R. N. de, & Carreteiro, T. C. O. C. (2009). A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(2).
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200010&lng=pt&tlng=pt
- Finelli, L. A. C., & Soares, W. D. (2022). *Revisão Bibliográfica: O uso da metodologia para a produção de textos - Volume 2* (1º ed.). Editora Científica Digital.
<https://doi.org/10.37885/978-65-5360-237-3>
- Gonçalves, R. R., Garcia, F. A. F., Dantas, J. de B., & Ewald, A. P. (2008). Merleau-Ponty, Sartre e Heidegger: Três concepções de fenomenologia, três grandes filósofos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2).
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200019&lng=pt&tlng=pt
- Jesus, B. H. S. (2024). A Metamorfose a partir da Fenomenologia da Percepção: Um encontro da angústia através do corpo em Kafka e Merleau-Ponty. *Teoria e Cultura*, 19.
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/43376/28761>

- Lima, M. M. de. (2020). *Depressão e ansiedade como expressões da angústia existencial: Uma perspectiva fenomenológica do sofrimento psíquico na pós-modernidade* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/40630>
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (C. A. R. de Moura, Trad.; 2ª ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945)
- Michaelis. (s.d.). *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/angustia>
- Nóbrega, T. P. D. (2008). Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia* (Natal), 13(2), 141-148. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>
- Oliveira, G. M. de, Barros, J. N. de, Ferreira, M. R., & Silva, M. L. (2021). A angústia existencial como disposição afetiva fundamental para a prática psicoterápica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 27(3), 348-360. <https://doi.org/10.18065/2021v27n3.9>
- Ortega, B. F. (2025). O corpo vivido e a experiência perceptiva como tentativa de “retorno aos fenômenos” em Merleau-Ponty. In C. A. de F. da Silva (Org.), *Fenomenologia no Recife* (1a ed., pp. 201-226). Instituto Quero Saber. <https://doi.org/10.58942/eqs.133.10>
- Peixoto, A. J. (2012). Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(1), 43-51. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100007&lng=pt&tlng=pt
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20, v–vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Santos, G. A. dos. (2020). A angústia enquanto fenômeno ontológico na analítica do ser-aí. In R. S. Kahlmeyer-Mertens, L. Cardoso, M. do A. Penna-Forte, K. M. Weyh, E. H. S. Kisse, & J. Dias (Orgs.), *Studium Heidegger: Presença marcada em Toledo: um*

registro do I Encontro Paranaense de Estudos Heideggerianos (1a ed., pp. 161-174).

Instituto Quero Saber

Santos, N. K. B. dos, Silva Júnior, A. F. da, & Fontenelle, P. S. (2018). A medicalização da existência segundo a fenomenologia de Merleau-Ponty. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 232-245.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-

[52672018000300016&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300016&lng=pt&tlng=pt)

Saraiva, H. M., & Carmo, S. M. do. (2017). A teologia do medo: Uma abordagem crítico-interpretativa do Catecismo Histórico e Doutrinal de Joaquim da Encarnação (1724-1798). *Iniciação Científica - Destaques 2017*, 4(2), 177-192.

Silva, M. É. de A. (2025). A paciência como força de ânimo para padecer a angústia sem decair na não-liberdade em Kierkegaard. In C. A. de F. da Silva (Org.), *Fenomenologia no Recife* (1a ed., pp. 279-308). Instituto Quero Saber. <https://doi.org/10.58942/eqs.133.14>

Souza, J. J. B. de. (2007). Angústia e felicidade na filosofia de Santo Agostinho. *Revista Ágora Filosófica*, 7(1), 63-76. <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2007.v7n1.p63-76>

Teixeira, T. (2015). Da ontologia à moral: ação e responsabilidade como implicações morais no existencialismo de Jean-Paul Sartre. *Pensar-Revista Eletrônica Da FAJE*, 6(1), 43-64. <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3246>

Vieira, F. F. P., & Neto, F. L. (2023). Um Estudo Sobre o Conceito de Angústia. *ID on line. Revista de psicologia*, 17(67), 113-126. <https://doi.org/10.14295/online.v17i67.3754>

Vieira, M. S. (2021). *Angústia e clínica psicológica: Aproximações e distanciamentos nas psicologias existenciais* (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/17215>